

# O que as mulheres têm a ver com o Plano Diretor?, por Tainá de Paula

[\(Ecoa/UOL | 28/02/2021 | Por Tainá de Paula\)](#)

O mês de março se aproxima, mês internacional das mulheres, assim como a revisão de diversos planos diretores pelo Brasil. Há muitos anos venho me dedicando às novas formas de planejamento urbano e como setores marginalizados no debate urbano - onde eu insiro as mulheres - podem impactar o futuro das cidades.

Objetivamente o planejamento da forma como o consolidamos no Brasil sofre de três graves problemas centrais: a descontinuidade das políticas propostas e consolidadas pelos planos, o que gera o sabido “planejamento de gaveta”, um emaranhado de boas ideias que não são postas em prática ou fora da realidade; a inexistência de aplicação de instrumentos propostos nos escopos dos planos e a ausência da participação de representantes de todos os setores sociais na gestão urbana, seja como tomadores de decisão, seja como participantes do processo de elaboração das práticas.

[\*\*\*Acesse a matéria completa no site de origem.\*\*\*](#)

---

## Há 89 anos a primeira mulher exercia o direito ao voto no

# Brasil

*Ainda hoje a representatividade feminina é mínima no Congresso Nacional e o Viva Maria conversa com especialistas sobre o assunto*

[\(Rádios EBC | 24/02/2021 | Acesse no site de origem\)](#)

O *Viva Maria* faz uma homenagem às mulheres que nos idos de 1910 deram início ao movimento pelo sufrágio feminino, como a professora Deolinda Daltro, que fundou, no Rio de Janeiro, o Partido Republicano Feminino e a bióloga Bertha Lutz, que fundou a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, em 1919.

À luz do protagonismo nordestino, a pioneira foi a professora Celina Guimarães Vianna, que conseguiu o registro para votar na década de 20. Apontada como a primeira eleitora do Brasil, ela pediu a inclusão no rol de eleitores do município de Mossoró (RN) em novembro de 1927.

Pioneiro a reconhecer o voto feminino, o Rio Grande do Norte elegeu também a primeira prefeita do Brasil: Alzira Soriano, pela cidade de Lages, em 1929.

A especialista em política social Lisieux Amado, que trabalhou na Câmara dos Deputados desde o período Constituinte, traçou numa linha do tempo, que vai de 92 aos dias de hoje, os números da baixa representatividade feminina no Congresso Nacional!


Como cantava a saudosa Dona Raimunda dos Cocos, essa luta não é fácil, mas vai ter que acontecer. As mulheres organizadas têm que chegar ao poder! Que não falte determinação e persistência! É o que sugere a jornalista **Jacira Mello**, diretora-executiva do Instituto Patrícia Galvão, e que há anos se dedica à análise das relações que nós Marias temos com o poder.

<https://assets-institucional-ipg.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2021/02/Viva-Maria-Conquista-do-voto-feminino.mp3>

---

# Projeto Lélia Gonzalez Vive reúne produção da antropóloga e ativista brasileira: lançamento 22/02/2021

*‘Lélia Gonzalez Vive’ busca ampliar o debate atual sobre feminismo e antirracismo no Brasil ao resgatar a obra da antropóloga e ativista.*

Embora sejam referência para a filósofa Angela Davis, ícone do  feminismo negro norte-americano, as ideias de Lélia Gonzalez ainda são pouco conhecidas pela maioria dos brasileiros. Foi só em 2020 que uma grande editora comercial publicou um livro sobre a pensadora nascida em Minas Gerais, em 1933. É com o objetivo de manter vivo o legado da ativista e de popularizar seu pensamento que surge o “Lélia Gonzalez Vive”. O projeto é fruto da parceria entre a ONG Nossa Causa e a família da antropóloga.

Conteúdos sobre a trajetória e a obra da intelectual e ativista negra estarão disponíveis a partir de 22 de fevereiro tanto no [site da ONG](#) quanto nas [redes sociais](#) [detalhes abaixo]. Nessas plataformas serão publicadas entrevistas, palestras e aulas da historiadora, indicações de obras produzidas por Lélia e também trabalhos sobre a educadora, assim como depoimentos de familiares, de pesquisadores e de outras personalidades influenciadas por ela. Além de Angela Davis, a lista de intelectuais impactadas pela obra da ativista inclui as filósofas Sueli Carneiro e Djamila Ribeiro e a escritora Joice Berth.

O formato do projeto, com foco em canais digitais, busca atingir um amplo público para levar o pensamento de Lélia para além do ambiente acadêmico. Ao reunir ideias das mais diversas áreas de conhecimento - da psicanálise ao candomblé - a pensadora traça um caminho fundamental para entender o

Brasil atual. Compreender questões raciais e de gênero é também contribuir para promoção de uma sociedade mais democrática para todos.

Precursora do que hoje se chama de interseccionalidade nos debates sobre raça e gênero, Lélia foi historiadora, filósofa, antropóloga, professora, uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU) e do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), além de integrante do primeiro Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e participante dos debates para elaboração da Constituição de 1988.

### **A família Almeida**

O "Lélia Gonzalez Vive" é o primeiro projeto em que a família da antropóloga se une a uma organização da sociedade civil para assumir a co-autoria da manutenção do legado de sua obra. Familiares da historiadora chegaram a contribuir para iniciativas anteriores, como o "Projeto Memória - Lélia Gonzalez", financiado pela Fundação Banco do Brasil e coordenado pela Rede de Desenvolvimento Social - REDEH, em 2015, mas o protagonismo de duas gerações da família Almeida na elaboração e execução de um projeto sobre a ativista é inédito.

O jeito carismático e transformador da pensadora é uma das marcas da ativista. "Ela quis desde cedo me preparar para a vida e para enfrentar o racismo, me levando para as reuniões no Teatro Opinião, no Rio, quando eu tinha 15 ou 16 anos. Era importante assumir minha negritude desde cedo", lembra Rubens Rufino (59 anos), criado por Lélia.

Se a memória da antropóloga é resgatada por filhos, sobrinhos e netos agora, a história de seus pais e irmãos é fundamental na trajetória da pensadora. Nascida Lélia de Almeida em Belo Horizonte (MG) em 1935, ela é a penúltima de 18 filhos do operário negro Acácio Joaquim de Almeida com a empregada doméstica descendente de indígena Urcinda Seraphina de Almeida.

Aos 7 anos, Lélia se muda com a família para o Rio de Janeiro para acompanhar Jayme de Almeida. O irmão 15 anos mais velho da historiadora passa a jogar no Flamengo e se torna um dos primeiros ídolos negros do

futebol brasileiro na década de 1940.

A carreira do atleta possibilita que a irmã mais nova avance nos estudos. Depois de concluir o secundário no colégio Pedro II, Lélia se graduou em história e geografia pela Universidade do Estado da Guanabara, hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Em seguida, cursou filosofia na mesma instituição.

### **O que pensava Lélia Gonzalez**

Ao longo de suas décadas de atuação profissional, Lélia também estudou Antropologia, Sociologia e Psicanálise e foi a primeira intelectual a sair do Brasil para debater a condição da mulher negra brasileira. Na sua atuação internacional, se destaca a vice-presidência do 1º e do 2º Seminário da ONU sobre a “Mulher e o apartheid”, ambos em 1980.

Em um contexto de visibilidade do feminismo branco e europeu nos debates acadêmicos e na militância, a antropóloga é pioneira ao propor um feminismo que contemple também as dimensões raciais e que seja precursor de um pensamento decolonial. A historiadora também é conhecida pela dura crítica ao mito da democracia racial documentado pelo sociólogo Gilberto Freyre (1900 - 1987) no livro “Casa-Grande & Senzala”, de 1933.

Além das ideias inovadoras, Lélia tem como marca o humor. No artigo “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, apresentado em 1980, em que debate o papel da mulher negra na formação cultural do Brasil, ela questiona a produção acadêmica hegemônica de homens brancos e afirma que os negros estariam “na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação”. Em seguida, provoca: “Neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa”.

**Lélia Gonzalez Vive**

**Data de lançamento: 22/02/2021**

**Onde: site da Nossa Causa ( [www.nossacausa.com](http://www.nossacausa.com) ) e nas redes sociais (@nossacausa no Instagram e no Twitter e /nossacausa no Facebook) e perfil no Instagram Lélia Gonzalez Oficial (@leliagonzalezoficial).**

---

# Webinário Internacional Desafios do Feminismo Popular - 23/02/2021, das 11h às 13h

O *Dia Internacional de Luta das Mulheres* se aproxima, e a **Marcha Mundial das Mulheres** está organizando dois webinários para conectar, visibilizar e discutir os desafios e agendas do **feminismo anticapitalista**.



Dia **23 de fevereiro**, o *primeiro webinário*, “**Desafios do feminismo popular**”, terá intervenções de companheiras da *Marcha Mundial das Mulheres*, da *Via Campesina*, de *Amigos da Terra Internacional* e da *Assembleia Internacional dos Povos*.

O *segundo webinário* será dia **23 de março**, com o objetivo de compartilhar os acúmulos e agendas políticas expressados no 8 de março pelas **mulheres em movimento** ao redor do mundo.

**Haverá tradução para o espanhol, francês, inglês e português.**

Para participar, inscreva-se em: <http://bit.ly/23-02-21>

---

# **Pandemia deixa mais da metade das mulheres fora do mercado de trabalho**

*Crise dos serviços, setor empregador da população feminina, e cuidado com filhos atrasam recuperação*

[\(Folha de S.Paulo | 01/02/2021 | Por Fernanda Brigatti\)](#)

O efeito devastador da Covid-19 sobre o emprego -em especial sobre o setor informal- está atrasando a volta de mulheres ao mercado de trabalho. Segundo a Pnad Contínua, do IBGE, 8,5 milhões de mulheres tinham deixado a força de trabalho no terceiro trimestre de 2020 (último dado disponível), na comparação com o mesmo período do ano anterior.

Esse movimento rumo à inatividade -situação em que a pessoa não trabalha nem procura uma ocupação- fez com que mais da metade da população feminina com 14 anos ou mais ficasse de fora do mercado de trabalho. A taxa de participação na força de trabalho ficou em 45,8%, uma queda de 14% em relação a 2019.

[\*\*\*Accesse a matéria completa no site de origem.\*\*\*](#)

---

## **Mulheres são maioria na linha de frente, mas são deixadas de fora das decisões sobre combate**

# à Covid-19

*Pesquisa realizada em 17 países mostra que elas são apenas 20% do comitê de emergência da OMS e um quarto dos decisores nos governos centrais*

[\(Celina/O Globo via Thomson Reuters Foundation | 29/01/2021\)](#)

BOGOTÁ – Sete em cada dez trabalhadores na linha de frente do combate à pandemia de Covid-19 são mulheres. Apesar disso, [elas são deixadas de fora](#) da resposta à doença e dos planos de recuperação. Uma pesquisa realizada pelo grupo Women Deliver, com sede em Nova York, e a Focus 2030, uma organização francesa de pesquisa, ouviu 17 mil homens e mulheres em 17 países. A maioria dos entrevistados quer que as mulheres sejam mais ouvidas e também se preocupa com retrocessos na igualdade de gênero.

“As pessoas ao redor do mundo reconhecem que a igualdade de gênero é um tema do nosso tempo, e que esse tema ficou ainda mais urgente com a Covid-19”, diz Phumzile Mlambo-Ngcuka, diretora da ONU Mulheres, órgão das Nações Unidas que trabalha pela igualdade de gênero.

[\*\*\*Accesse a matéria completa no site de origem.\*\*\*](#)

---

## **Feminismo neoliberal deixa os 99% para trás, diz Heloisa Buarque de Hollanda**

*Professora emérita da UFRJ critica discurso de empoderamento individual e discute teoria queer na América Latina*

[\(Folha de S.Paulo | 23/01/2021 | Por Eduardo Sombini\)](#)



Nesta semana, o Ilustríssima Conversa recebe [Heloisa Buarque de Hollanda](#), professora emérita de teoria crítica da cultura da UFRJ. Com uma extensa produção acadêmica, que abarca campos como a poesia, as relações de gênero e raciais e as culturas marginalizadas, Heloisa organizou quatro volumes da coleção “Pensamento Feminista Hoje”, publicada pela editora Bazar do Tempo —“[Sexualidades no Sul Global](#)” é o mais recente deles. Os livros dão um panorama da [história do feminismo](#) nas últimas décadas —das autoras que criaram as principais noções sobre o tema aos desdobramentos mais recentes dos estudos de gênero e de sexualidade, como o feminismo decolonial e a [teoria queer](#).

[\*\*Acesse a matéria completa no site de origem.\*\*](#)

---

## **Mulheres e negros seguem sendo minorias nas secretarias das prefeituras**

*Tema protagonizou eleição de novembro, mas prefeitos eleitos nomearam equipes que repetem falta de diversidade de gestões anteriores*

[\(Celina/O Globo | 19/01/2021 | Por Dimitrius Dantas\)](#)

A falta de diversidade em nomeações de cargos ainda desequilibra o primeiro escalão das gestões municipais brasileiras, ainda que o debate sobre esse tema tenha avançado durante a última eleição. Em diferentes cidades, candidatos sinalizaram no ano passado a intenção de buscar uma paridade de cor e gênero em seus secretariados. Uma vez empossados, no entanto, não reverteram as desigualdades.

A manutenção dessa realidade foi identificada por levantamento do GLOBO a respeito dos secretários e secretárias recém-nomeados nas administrações

das dez capitais mais ricas do país. Os dados mostram que há pouca ou nenhuma diversidade entre eles quando observada a cor da pele: nenhuma dessas cidades destinou ao menos um quarto de suas pastas ao comando de pessoas negras ou pardas.

[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)

---

## **SOF lança dois novos livros sobre capitalismo digital e economia feminista, disponíveis para leitura gratuita**

Os *Cadernos Sempre Viva* existem desde 1997, com o objetivo de reunir debates feministas e sistematizar as reflexões e ações das mulheres em movimento no Brasil e no mundo. **“Capitalismo digital, comunicação e construção de movimento”** e **“Neoliberalismo, trabalho e democracia”** são os títulos das novas edições dos Cadernos Sempre Viva, produzidos pela SOF em 2020 e lançados agora neste início de 2021.

Os Cadernos levam o mesmo subtítulo, *“Trilhas Feministas”*, porque foram elaboradas em movimento, sistematizando práticas e reflexões a partir do feminismo, e trazem debates sobre comunicação, capitalismo digital, economia, neoliberalismo e democracia. 2020 foi o ano que a vida das mulheres foi agressivamente impactada pela covid-19, o que demandou muito esforço coletivo para sustentar a vida em meio à crise sistêmica impulsionada pela pandemia. As publicações são frutos dos ciclos de debates e formação virtual que a SOF realizou virtualmente, junto com companheiras da Marcha Mundial das Mulheres. Os encontros debateram os novos desafios impostos à vida das mulheres pelo capitalismo neoliberal, racista e patriarcal e as

armadilhas de suas “inovações”. Junto à crítica a esse modelo de exploração, acumulação e apropriação da vida humana e da natureza, está a elaboração de alternativas feministas, pautadas pela igualdade e pela necessidade de colocar a vida no centro.

A pandemia escancarou e aprofundou as desigualdades. No volume **“Neoliberalismo, trabalho e democracia”** as autoras *Clarisse Goulart Paradis, Franciléia Paula de Castro, Mariana Lacerda, Marilane Teixeira, Miriam Nobre, Nalu Faria e Sarah Luiza de Souza Moreira* respondem a esse cenário e recuperam as reflexões já elaboradas a partir da economia feminista para analisar as dinâmicas de precarização da sociedade aprofundadas pela covid-19. A partir de uma lente que enxerga as ações das mulheres para manutenção da vida como atividade econômica, os textos mostram que “recuperar a economia” não significa recuperar os cofres das grandes empresas; e sim apontar para uma economia de regeneração da vida, da biodiversidade e das comunidades como aposta política.

Já no caderno **“Capitalismo digital, comunicação e construção de movimento”**, os textos de *Adriana Vieira das Graças, Fabiana de Oliveira Benedito, Helena Zelic, Natália Lobo, Renata Moreno e Silvia Ribeiro* buscam revelar mecanismos do capitalismo digital que atacam os processos de emancipação dos povos. Os textos formam, juntos, uma crítica às dinâmicas tecnológicas de mercado que adentram o cotidiano, no trabalho e na vida das mulheres, do campo e da cidade. A soberania alimentar; a recusa das propriedades privadas, sejam materiais ou digitais; e o direito à informação são alguns dos pilares para a construção de possibilidades e alternativas na disputa contra o capitalismo digital.

Juntos, os artigos reunidos nos Cadernos Sempre Viva insistem na necessidade de enfrentar a emergência sem perder o horizonte da transformação social. Transformar a economia a partir do feminismo caminha lado a lado com a recuperação e a radicalização da democracia, e marca as trilhas feministas que seguimos percorrendo.

Os dois Cadernos **estão disponíveis gratuitamente em PDF ou no formato e-book** no site [www.sof.org.br](http://www.sof.org.br). A versão impressa pode ser comprada com a livraria da Expressão Popular pelo

site [www.expressaopopular.com.br](http://www.expressaopopular.com.br). E os assinantes do clube do livro da Expressão Popular receberão os novos cadernos nos meses de janeiro e fevereiro!

### **Serviço:**

#### **- Caderno Sempre Viva “Capitalismo digital, comunicação e construção de movimento - Trilhas Feministas”**

**Autoras:** Adriana Vieira das Graças, Fabiana de Oliveira Benedito, Helena Zelic, Natália Lobo, Renata Moreno e Silvia Ribeiro

**Versão gratuita online:** [Clique aqui para baixar a versão em PDF ou e-PUB](#)

**Versões impressas** disponíveis em: [www.expressaopopular.com.br](http://www.expressaopopular.com.br) (assinantes do clube do livro da Editora receberão em casa)

#### **- Caderno Sempre Viva “Neoliberalismo, trabalho e democracia - Trilhas Feministas”**

**Autoras:** Clarisse Goulart Paradis, Franciléia Paula de Castro, Mariana Lacerda, Marilane Teixeira, Miriam Nobre, Nalu Faria e Sarah Luiza de Souza Moreira

**Versão gratuita online:** [Clique aqui para baixar a versão em PDF ou e-PUB](#)

**Versões impressas** disponíveis em: [www.expressaopopular.com.br](http://www.expressaopopular.com.br) (assinantes do clube do livro da Editora receberão em casa)

*Publicação: Sempre Viva Organização Feminista*

*Apoio: Fundação Heinrich Boll Brasil*

***Ouçá também os programas de áudio sobre as publicações:***



**[Programa 1 - “Capitalismo digital, comunicação e construção de movimento”](#)**

**[Programa 2 - “Neoliberalismo, trabalho e democracia”](#)**

---

# Bancada feminina apresentará pauta prioritária aos candidatos a presidente da Câmara Fonte: Agência Câmara de Notícias

*O aumento da participação das mulheres na política é o principal ponto defendido pelas parlamentares*

[\(Agência Câmara de Notícias | 14/01/2021 | Por Pierre Triboli\)](#)

A bancada feminina vai entregar aos candidatos a presidente da Câmara dos Deputados uma carta em que lista três temas considerados prioritários: o aumento da participação das mulheres na política, o enfrentamento à violência contra a mulher e a promoção da saúde da mulher.

Composta por 77 deputadas, a bancada feminina é coordenada pela deputada [Professora Dorinha Seabra Rezende \(DEM-TO\)](#) e tem como coordenadoras adjuntas as deputadas [Tereza Nelma \(PSDB-AL\)](#), [Sâmia Bomfim \(Psol-SP\)](#) e [Tabata Amaral \(PDT-SP\)](#).

O principal ponto defendido pelas parlamentares é o aumento da participação das mulheres nos espaços de poder.

**[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)**